



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

USO DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL EM CENTRAL DE PROCESSAMENTO DE ROUPAS

¹Joyce Carvalho Costa, ²Francisca Aline Amaral da Silva, ³Jefferson Abraão Caetano Lira, ¹Lizandra Fernandes do Nascimento, ⁴Anneth Cardoso Basílio da Silva, ⁵Erlane Brito da Silva, ³Rutielle Ferreira Silva and ³Julyanne dos Santos Nolêto

¹Enfermeiras, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Piauí. Brasil

²Mestre em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Piauí. Brasil

³Mestrandos em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Piauí. Brasil

⁴Mestre em Educação, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Piauí. Brasil

⁵Especialista em Saúde Pública, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Piauí. Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 09th June, 2019

Received in revised form

06th July, 2019

Accepted 17th August, 2019

Published online 30th September, 2019

Key Words:

Lavanderia; Equipamento de proteção individual; Riscos ocupacionais.

ABSTRACT

Objetivo: conhecer o uso dos Equipamentos de Proteção Individual pelos profissionais de uma Central de Processamento de Roupas. **Metodologia:** estudo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, realizado em uma Central de Processamento de Roupas de um hospital Público de Teresina (PI), com 13 profissionais. Os dados foram produzidos mediante entrevista operacionalizados a partir do método de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** a bota, os óculos, a máscara e as luvas foram os Equipamentos de Proteção Individual mais citados. Apesar de apresentarem conhecimento satisfatório acerca dos Equipamentos de Proteção Individual, a maioria não usava integralmente esses equipamentos na rotina. Embora a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes seja bastante atuante, alguns Equipamentos de Proteção Individual faltam corriqueiramente. O desconforto foi relatado como a principal causa da não adesão aos Equipamentos de Proteção Individual e os problemas auriculares são os agravos mais prevalentes. **Considerações finais:** estratégias inovadoras, educação continuada, disponibilidade de Equipamentos de Proteção Individual, liderança e supervisão rotineira são fundamentais para sensibilização dos profissionais em relação a esses equipamentos.

Copyright © 2019, Joyce Carvalho Costa et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Joyce Carvalho Costa, Francisca Aline Amaral da Silva et al. 2019. "Uso dos equipamentos de proteção individual em central de processamento de roupas", *International Journal of Development Research*, 09, (09), 30165-30169.

INTRODUCTION

A Central de Processamento de Roupas, também denominada lavanderia hospitalar, é a unidade prestadora de serviços responsável pela lavagem, desinfecção e distribuição de roupas hospitalares. É um setor que exige conhecimentos de logística, gestão da qualidade e segurança do paciente, no intuito de garantir satisfação, qualidade da assistência e redução do índice de infecção hospitalar (Picchiali; Farias, 2013). Esse setor é insalubre, quente e úmido, no qual lavam-se roupas infectadas com sangue, secreções e/ou excreções, utilizam-se produtos químicos para a desinfecção, e desenvolvem-se

atividades que demandam esforço físico para pesar, passar, dobrar e transportar roupas. Ademais, operam-se máquinas industriais de grande porte, a exemplo de lavadoras, centrífugas e secadoras (Fernandes *et al.*, 2013). A Central de Processamento de Roupas oferece numerosos riscos à saúde do trabalhador (Ferreira *et al.*, 2017). Esses riscos são decorrentes da utilização de equipamentos, máquinas e mobiliários inadequados, locais improvisados com más condições de iluminação, ventilação e conforto. Ademais, a monotonia, a falta de treinamento e de supervisão dos trabalhadores corroboram para o aumento dos agravos ocupacionais (Favarin *et al.*, 204). Os profissionais que atuam na Central de Processamento de Roupas estão sujeitos a riscos ocupacionais, como acidentes com perfurocortantes, problemas auditivos, ocasionados pelo alto ruído das máquinas, lesões por esforço

*Corresponding author: Joyce Carvalho Costa, Enfermeiras, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Piauí. Brasil

repetitivo e problemas dermatológicos, decorrentes do contato com agentes químicos. Assim, a oferta suficiente e a utilização adequada dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) são imprescindíveis para redução desses riscos (Fontana; Nunes, 2013). O enfermeiro, que geralmente ocupa o cargo de gerência da Central de Processamento de Roupas, precisa coordenar, com eficiência e liderança, os processos, contribuindo para redução de riscos e agravos ocupacionais. Assim, a educação continuada, a supervisão rotineira do uso dos EPIs e um núcleo de saúde do trabalhador atuante são fundamentais para estimular as práticas seguras no ambiente de trabalho (Carvalho; Gasque, 2018). O interesse pela temática ocorreu partir de uma visita técnica, durante a disciplina de Enfermagem Perioperatória, à Central de Processamento de Roupas, na qual foi possível observar a baixa adesão aos EPIs por parte dos profissionais do setor. Diante disso, a fim de contribuir para a efetividade da gerência de enfermagem na redução de agravos ocupacionais, este estudo objetivou conhecer o uso dos Equipamentos de Proteção Individual pelos profissionais de uma Central de Processamento de Roupas.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, realizado em uma Central de Processamento de Roupas de um hospital Público de Teresina, Piauí, Brasil. Os participantes foram constituídos de 13 funcionários da Central de Processamento de Roupas. Os critérios de inclusão foram profissionais lotados no serviço há mais de 6 meses e que atuavam em todas as etapas do processamento de roupas. Excluíram-se aqueles que trabalhavam apenas nos serviços de costuraria. Ressalta-se que a quantidade mínima de participantes se deu a partir da saturação dos dados. A produção dos dados ocorreu mediante entrevista com roteiro semiestruturado. As entrevistas foram gravadas, utilizando dispositivo de áudio MP3 player e transcritas, posteriormente, na íntegra. As entrevistas tiveram uma duração média de 10 minutos. Para manter o anonimato, os participantes foram identificados pelo nome “entrevistado” seguido de um algarismo arábico, conforme a ordem de realização das entrevistas. Os dados foram produzidos nos meses de junho e julho de 2018. A operacionalização dos dados foi desenvolvida a partir do método de análise de conteúdo de Bardin (2011) em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, realizou-se uma leitura minuciosa de cada fala dos participantes. Na exploração do material, as respostas foram organizadas por similaridade de conteúdo. No tratamento dos resultados, emergiram-se as categorias temáticas. Em respeito aos preceitos éticos da Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí, com parecer nº 2.609.939.

RESULTADOS

Após a análise, elencaram-se quatro categorias: 1) Compreensão acerca do uso dos EPIs; 2) Disponibilização e uso dos EPIs; e 3) Consequências da baixa adesão aos EPIs e importância da educação continuada.

Compreensão acerca do uso dos EPIs: Os entrevistados apresentaram conhecimento satisfatório sobre os principais EPIs a serem utilizados no setor, como demonstrado a seguir.

Conheço sim. O que usa no pé, o que usa na mão, a máscara, luva, gorro e propés. (Entrevistado 1)

[...] aquele da proteção da audição da gente, o sapato, a máscara, tem a touca da cabeça. (Entrevistado 8)

[...] o de colocar no ouvido, botar a touca, nós calçamos o sapato. (Entrevistado 9)

A bota, o óculos, a máscara e as luvas foram os EPIs mais citados. Além disso, um dos participantes ressaltou a importância do uso dos EPIs, mas pontuou que os profissionais não dão a importância devida em relação ao uso desses equipamentos de proteção na rotina.

A bota, porque o piso do local em si que eu trabalho, como se é uma área contaminada então tem que ser uma bota específica de borracha pra poder proteger; o óculos, pra evitar o contato visual da gente pra qualquer coisa que venha no tecido, no pano, pode ser uma agulha, fragmento, poeira; a luva também para evitar o contato da pele com a roupa contaminada. (Entrevistado 4)

O sapato, que é mais importante, por exemplo, quando for dobrar, às vezes, está quente a roupa pra gente não pegar choque. (Entrevistado 7)

A máscara, como a gente trabalha com roupas contaminadas e, geralmente, como a água contaminada, pode vir impurezas aí, às vezes, pode molhar, respingar em nosso rosto. (Entrevistado 11)

Todos são importantes. Os funcionários é que não dão a devida importância, até eu faço isso (risos). (Entrevistado 2)

Disponibilização e uso dos EPIs

Nas falas, evidenciou-se que, apesar da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) ser bastante atuante no setor, alguns EPIs faltam corriqueiramente.

Sim! Aqui nós temos a CIPA. Realmente eles dão os equipamentos. Quando falta, eles vêm e vistoriam, dão um jeito de repor todos os equipamentos de segurança para gente. (Entrevistado 11)

A bota faz é tempo que não oferece. Aí estou usando meu tênis, porque não tem bota. (Entrevistado 13)
O avental a gente não tem. (Entrevistado 9)

Observou-se que a maioria dos participantes não usa integralmente os EPIs preconizados, sendo que isso aumenta os riscos ocupacionais a esses profissionais.

Uso sim. [...] os propés é difícil eu usar. Tem vez eu boto no pé, tem vez que eu não boto (Entrevistado 2)

O que utilizo mais é máscara e luva na área suja, porque na área limpa geralmente que é só entrega eu não uso (Entrevistado 3)

Nem sempre. Quando eu estou desse lado aqui que tem mais barulho, é para a gente usar o protetor, mas daquele lado ali, que é menos barulho, a gente sai muito, nem sempre a gente está usando. (Entrevistado 6)

Para falar a verdade, constantemente não uso. (Entrevistado 11)

Identificou-se que o desconforto, o descuido e a não utilização desses equipamentos desde o início da profissão são as principais causas da não adesão aos EPIs, como destacado nas falas.

Têm deles que não usam, porque como o setor faz muito calor, aí bota abafa o calor e se sentem incomodados. Às vezes, é descuido mesmo (Entrevistado 6)

Os do ouvido não, porque dá uma coceirinha no ouvido aí fica irritado (Entrevistado 7)

Têm certos equipamentos que eu não uso, como a luva. Quando eu comecei a trabalhar, não tinha o costume de trabalhar com luva. Eu me dou bem sem a luva, mas os outros equipamentos com certeza eu uso (Entrevistado 11)

Eu não gosto de usar gorro, aquela máscara me irrita. Às vezes, eu estou usando o gorro, porque a supervisora insiste com a gente pra está usando. Agora a máscara, eu uso pra pegar lençol no expurgo (Entrevistado 12).

Consequências da baixa adesão aos EPIs e importância da educação continuada

Os participantes têm ciência dos danos ocasionados pelo não uso ou utilização inadequada dos EPIs. Além do mais, destacaram que os problemas auriculares são um dos principais agravos decorrentes da baixa adesão aos EPIs.

Já teve casos de gente que se acidentou ou por falta do material ou por mal uso dele. (Entrevistado 4)

Tenho problema no ouvido por causa do barulho. (Entrevistado 5)

Aqui tem muita gente que tem problema de audição. No setor, têm muitas máquinas ligadas. (Entrevistado 6)

Foi porque ela não estava usando esses calçados, ela estava de chinelinha aí ela foi tirar a roupa da máquina e ficou levando choque (Entrevistado 10)

Eu tenho problema no meu ouvido, ele até estourou uma vez aqui. Passou foi tempo saindo secreção do meu ouvido (Entrevistado 12)

Enfatizaram que recebiam treinamentos para utilização dos EPIs, no entanto reconhecem que há falta sensibilização por parte de alguns dos profissionais.

Já vieram umas pessoas ensinar como utilizar os equipamentos. Ensinaram tudo já para a gente. (Entrevistado 5)

[...] todas as vezes informam fazem reunião. (Entrevistado 6)
Eles ensinam como a gente deve ficar no setor, porque assim eles querem o bem para a gente, a gente que as vezes não quer enxergar aquilo que eles querem que a gente faça. (Entrevistado 9)

Recebemos instrução. A CIPA administra palestra ensinando como é que usa os equipamentos. As palestras não são frequentes, mas vem no momento certo. (Entrevistado 11)

DISCUSSÃO

Como evidenciado, os profissionais tinham conhecimento acerca da importância do uso dos EPIs. De fato, a Central de Processamento de Roupas oferece numerosos riscos, como lesões com perfurocortantes, problemas auditivos, respiratórios, dermatológicos e lesões por esforço repetitivo, em decorrência da exposição dos profissionais aos agentes químicos, físicos e biológicos. Assim, destaca-se a necessidade da utilização adequada dos EPIs, a exemplode luva, protetor auricular, óculos, avental e bota, objetivando minimizar esses riscos ocupacionais (Fontana; Nunes, 2013). A Norma Regulamentadora 6 (NR 6), que discorre sobre os EPIs, enfatiza que o óculos de segurança protege os olhos contra respingos; a máscara facial é importante para proteger a face e, principalmente, as vias aéreas do contato com produtos químicos, partículas voláteis e radiação; o protetor auditivo é imprescindível para proteção da audição contra os altos níveis de pressão sonora; a luva serve para proteção das mãos contra agentes abrasivos, escoriantes e perfurocortantes; a bota é uma segurança para os pés; Já a vestimenta (avental ou capote) protege o corpo contra respingos de produtos químicos e umidade advinda de atividades com água (Brasil, 1996). Com relação à estruturação e à organização da Central de Processamento de Roupas, faz-se necessária a existência de uma barreira microbiológica que faça a separação da central de processamento de roupas em duas áreas bem específicas: a área suja, destinada a receber, pesar e separar a roupa suja, e a área limpa, responsável pela centrifugação, secagem, separação, dobragem, armazenamento e distribuição. Ressalta-se que a organização, a melhora das condições de trabalho e a logística do setor estimulam o uso adequado dos EPIs (Marques *et al.*, 2010; Fernandes *et al.*, 2013).

Nesse sentido, as barreiras de proteção que devem ser utilizadas na área limpa são: roupa privativa, touca, calçado fechado e antiderrapante. Na área suja, devem ser usados: roupa privativa, botas, luvas de borracha de cano longo, toucas, máscaras e avental de mangas longas ou avental impermeável. Além do mais, durante todo esse processo, o uso de óculos e do protetor auricular não podem ser desprezados (Brasil, 2009). O enfermeiro, que normalmente é o gerente da Central de Processamento de Roupas, precisa organizar e estruturar o setor, a fim de melhorar as condições de trabalho. Dessa maneira, estudo reforçou que máquinas e mobiliários inadequados ocasionam posturas forçadas ou extremas, a intensa jornada de trabalho, além da monotonia, oferecem riscos ocupacionais. Ademais, falhas no treinamento e na supervisão dos profissionais, bem como locais adaptados com más condições de iluminação, ventilação e conforto para os trabalhadores, são fatores que contribuem para não adesão aos EPIs (Favarin, 2014). Mesmo com a realização de treinamentos e com o conhecimento da importância desses equipamentos, a maioria não fazia uso integral dos EPIs. Desse modo, estudo destacou que a compreensão acerca da importância do uso desses equipamentos de proteção não é suficiente para promover mudança de comportamento. Há necessidade de reavaliação das atividades de educação permanente nos ambientes de saúde, com propostas inovadoras e eficazes para facilitar a adesão efetiva aos EPIs (Ribeiro *et al.*, 2010). Nesse pressuposto, ao investigar as principais causas da não adesão aos EPIs, estudo constatou que muitos

profissionais consideram que a utilização desses equipamentos de proteção prejudica o desenvolvimento de suas atividades no ambiente de trabalho, relatando a perda da habilidade, a diminuição da destreza manual, o desconforto e a inconveniência, corroborando com esta pesquisa. Vale salientar que esses pressupostos são infundados e precisam ser desconstruídos (Carvalho; Chaves, 2010). Com base na Norma Regulamentadora 06, a empresa ou instituição são obrigadas a fornecer gratuitamente aos empregados os EPIs adequados, em perfeito estado de conservação e funcionamento, além garantir aos trabalhadores orientação e treinamento sobre a utilização adequada desses equipamentos, como também ofertar instruções de guarda e conservação. Nesse contexto, observou-se, nas falas, que ainda há falta de alguns EPIs, destacando que o controle eficaz dos recursos e a preocupação com a saúde do trabalhador nas instituições de saúde precisam avançar (Sonego et al., 2016).

O manual de processamento de roupas de serviços de saúde enfatiza que a desinformação, a falta de infraestrutura, o acidente e as doenças ocupacionais estão estritamente associados, de modo que a diminuição ou eliminação dos riscos e agravos à saúde do trabalhador depende da capacidade dos profissionais e gestores em entenderem a importância dos cuidados e das medidas de proteção que devem ser adotados durante a rotina de trabalho (Brasil, 2009). Os participantes reconheceram o desempenho da CIPA no setor. A Norma Regulamentadora 05, ao tratar da CIPA, enfatiza que essa comissão tem como objetivo central a prevenção de acidentes e de doenças decorrentes do trabalho, de modo a tornar a qualidade de vida no trabalho compatível com a promoção da saúde do trabalhador. Em adição, outra atribuição dessa comissão é realizar, periodicamente, a verificação das condições de trabalho no setor, visando a identificação de situações que ofereçam riscos à segurança e à saúde dos trabalhadores (Brasil, 1978). Como observado nas falas, o problema auditivo foi o principal agravo decorrente da não utilização dos EPIs. A exposição ao ruído excessivo sem proteção durante anos ocasiona Perda Auditiva Induzida pelo Ruído (PAIR), patologia que acomete muitos trabalhadores nos diferentes ramos de atividade, sendo considerada um problema de saúde pública pelo seu impacto em diversos setores da sociedade, sejam econômicos, políticos ou da saúde (Svichet et al., 2013). Esse agravo pode ser evitado, por meio do protetor auricular, EPI que funciona como barreira que atenua principalmente os sons de alta frequência (Gonçalves et al., 2015).

Um aspecto que deve ser trabalhado com a administração do setor é a educação continuada ou educação em serviço, que consiste no treinamento dos trabalhadores, em função da melhora das condições de trabalho, uma vez que um dos entrevistados destacou que as palestras realizadas não eram tão frequentes. Além disso, os servidores devem receber treinamento inicial, mesmo que disponham de preparo prévio, curso específico e experiência na área antes de iniciarem as atividades na Central de Processamento de Roupas (Fontoura, 2013). Dessa forma, as ações contínuas mantêm o fluxo de informações e podem possibilitar a melhora no relacionamento entre profissional, equipe e instituição, assim como na compreensão dos riscos ocupacionais, devido a aquisição de conhecimento, além de despertar o autoconhecimento profissional (Peixoto et al., 2013). Além disso, a implementação de palestras, oficinas e protocolos baseados em evidências são importantes para melhorar a adesão aos EPIs

(Sonego et al., 2016). O enfermeiro, nas instituições de saúde, além de agir diretamente na assistência, possui função importante nos processos educativos das organizações, pois é responsável por ensinar e capacitar a equipe. Na Central de Processamento de Roupas, o enfermeiro gerente deve utilizar estratégias de educação em saúde claras e objetivas, estimulando a compreensão, a atitude dos profissionais e a cultura de segurança no ambiente de trabalho (Matos et al., 2017). Nessa perspectiva, é fundamental que o enfermeiro gerente da Central de Processamento de Roupas possua habilidades de liderança, supervisão, gestão e ensino, no intuito de reduzir esses agravos ocupacionais e contribuir para melhora da qualidade de vida no trabalho (Barth et al., 2014). Ressalta-se que as limitações deste estudo ocorreram devido alguns profissionais não serem entrevistados em decorrência da alta rotatividade no setor, bem como a dificuldade de literaturas recentes que abordem a temática. Contudo, esses entraves não comprometeram o objetivo da pesquisa.

Considerações Finais

Apesar dos participantes apresentarem conhecimento sobre os riscos inerentes a não utilização dos EPIs, a maioria não fazia uso integral dos equipamentos de proteção. Além do mais, observou-se que os principais motivos para baixa adesão são o desconforto, o incômodo, o descuido e a não utilização desses equipamentos desde o início da profissão, destacando que a mudança de comportamento é um desafio e que a cultura de segurança no trabalho precisa ser melhorada. Diante disso, identificou-se que os profissionais reconhecem a importância da CIPA para implementação de orientação, aquisição e cobrança do uso dos EPIs na Central de Processamento de Roupas. Todavia, constatou-se que a falta de alguns EPIs também contribui para baixa adesão desses equipamentos, enfatizando a importância da sensibilização dos gestores para sanar essa problemática que aflige os trabalhadores desse setor. Dentre os principais riscos ocupacionais relacionados à baixa adesão aos EPIs, estão os problemas auditivos, devido ao som de alta frequência e a não utilização do protetor auditivo. Ademais, verificou-se a necessidade da educação continuada e da supervisão rotineira para estimular os profissionais em relação ao uso desses equipamentos de proteção. Portanto, o enfermeiro gerente da Central de Processamento de Roupas deve apresentar conhecimento, competência e liderança para propor estratégias inovadoras para sensibilizar o uso dos EPIs, visando reduzir os riscos ocupacionais. Sugere-se a realização de estudos de intervenção nesse setor, a fim de contribuir com essa problemática.

REFERÊNCIAS

- Bardin L. 2011. Análise de conteúdo. 70. ed. Lisboa.
- Barth PO, Aires M, Santos JLG, Ramos FRS 2014. Educação permanente em saúde: concepções e práticas de enfermeiros de unidades básicas de saúde. Revista Eletrônica de Enfermagem 16(3):604-11.
- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária 2009. Processamento de roupas em serviços de saúde: prevenção e controle de riscos. Brasília: Anvisa.
- Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego 1978. NR 5 - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.
- Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego 1996. NR 06 - Equipamento de Proteção Individual. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.

- Carvalho JFS, Chaves LDP 2010. Supervisão de enfermagem no uso de Equipamento de Proteção Individual em um hospital geral. *Revista Cogitare Enfermagem*15(3):513-20.
- Carvalho LF, Gasque KCGD 2018. Formação continuada de professores e bibliotecários para o letramento informacional. *Revista TransInformação* 30(1):107-19.
- Favarin EV, Oliveira ML, Nogueira MA, Schiar LBHP, Ruppenthal JE. 2014. Riscos ocupacionais da lavanderia de um hospital universitário: relato de experiência. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde* 5(1):1120-29.
- Fernandes DMM, Fernandes SB, Ferrazza CAC. 2013. Gestão para a segurança e a qualidade de vida no trabalho em uma lavanderia hospitalar. *Revista RAS*. 15(61):142-50.
- Ferreira LA, Peixoto CA, Paiva L, Silva QCG, Rezende MP, Barbosa MH 2017. Adesão às precauções padrão em um hospital de ensino. *Revista Brasileira de Enfermagem* 70(1):96-103.
- Fontana RT, Nunes DH 2013. Os riscos ocupacionais na concepção dos trabalhadores de uma lavanderia hospitalar. *Revista Enfermería Global* 29(1):183-95.
- Fontoura FP 2011. Trabalho, ruído e saúde dos profissionais de uma lavanderia hospitalar[Dissertação]. Escola de Enfermagem da UFMG. Curitiba.
- Gonçalves CGO, Morata TC, Marques JM. 2015. A percepção sobre protetores auriculares por trabalhadores participantes de programas de preservação auditiva. *Revista CoDas*27(4):309-18.
- Marques A, Tavares E, Souza J, Magalhães JA, Lélis J 2010. A ergonomia como um fator determinante no bom andamento da produção: um estudo de caso. *Revista Anagramas*4(1):2-14.
- Matos DAR, Silva SOP, Lima CB 2017. Enfermagem do trabalho: abordando competências e habilidades, para a atuação do enfermeiro. *Revista Temas em Saúde* 17(3):5-13.
- Peixoto LS, Gonçalves LC, Costa TD, Tavares CMM, Cavalcanti ACD, Cortez EA 2013. Educação permanente, continuada e em serviço: desvendando seus conceitos. *Revista Eletrônica de Enfermeria*29(1):324-40.
- Picchiai D, Farias RM 2013. Visão sistêmica da lavanderia hospitalar: limites e propostas. *Revista de Gestão em Sistemas de Saúde*. 2(2):124-47. 2.
- Ribeiro LCM, Souza ACS, Neves HCC, Munari DB, Medeiros M, Tipple AFV 2010. Influência da exposição a material biológico na adesão ao uso de Equipamentos de Proteção Individual. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*9 (2):325-32.
- Sonego MT, Santos Filha VAV, Moraes AB. 2016. Equipamento de proteção individual auricular: avaliação da efetividade em trabalhadores expostos a ruído. *Revista CEFAC* 18(3):667-76.
- Sviech PS, Gonçalves CGO, Morata TC, Marques JM. 2013. Avaliação do conforto de protetor auditivo individual numa intervenção para prevenção de perdas auditivas. *Revista CEFAC*15(5):1325-37.
